

amor de mar

Joaquim Armindo

Prefácio de
Rogério Santos



Tecto de Nuvens

Prefácio

amor de mar é um conjunto de poemas e texto final de Joaquim Almeida, que eu conheci sempre por Joaquim Armindo. Alguns textos foram escritos na sua mocidade (18, 21 anos), mas a maioria chega-nos já do século XXI, a indicar o pensamento de homem adulto que regressa a temas suspensos no passado. Vários poemas tem data exata e outros o local da sua elaboração (cidade de Boston, fábrica Sepsa). Num, a recordação de emboscada a grupo de militares que defendiam a Angola colonial e em que o autor foi participante (1 de maio de 1972), noutro, a queda da ditadura e aquisição da liberdade política em Portugal (25 de abril de 1974).

Quando li o conjunto de textos, lembrei-me da comunidade de pintura pré-rafaelita. Claro que vivemos noutro tempo e os temas abordados diferem mas mantém-se a doçura e a sua fragilidade, ali na pintura, aqui nas palavras. Também me socorri da escrita dadaísta, não em termos de onirismo mas no dispositivo gráfico das frases e das imagens despertadas pelas palavras. E da semiótica, que olha os signos que constituem as palavras e procura significados. Aqui, o sentido não é lógico mas simbólico, quase destinado a servir a música.

O título *amor de mar* podia chamar-se mar e amar, dada a aliteração das palavras. Se mar, tópico repetido nos poemas, parece do domínio do infinito, amar é igualmente palavra lida ao longo do livro e que remete para ciclos que se reproduzem de maneira eterna. O amar no livro reassume um projeto da juventude, sonho idealista de encontrar cabelos, lábios e seios, como se a beleza fosse etérea, não material e sujeita à velhice. Apesar disso, não interpreto os poemas como libidinais. *amor de mar* podia ser ainda amor de pai, devido à recordação permanente do progenitor em diversos poemas. Uma terceira ideia a atravessar o conjunto de poemas é a do jardim e do pomar, com flores e frutos, campo a lembrar o paraíso bíblico. De entre as árvores, leio macieiras, amendoeiras, pinheiros e

carvalhos; das flores, rosas, lírios, malmequeres, tulipas e papoilas. Isto é, o mar e a terra nos poemas surgem como elementos da fecundação, a mãe. Embora ausente, ela está muito presente. Acrescento: ao buscar o núcleo das sinceras convicções religiosas do autor, sou remetido ao reencontro do homem com a natureza. De modo subtil, aparece a crítica à ameaçadora civilização industrial, a ilustrar a influência de *Laudato Si*, a encíclica do Papa Francisco. O poeta resgata a cidade enquanto metáfora da renovação do homem e das comunidades.

Conheci o Joaquim Armindo Almeida em finais de 1971, quando desembarcámos em Angola ao serviço do exército colonial português. Depois, discutimos política, li em primeiro lugar as revistas que ele assinava, escrevemos em pequenos jornais engajados, partilhámos férias, vimos nascer e crescer os filhos. A ele, como engenheiro, via-o no plano rigoroso da técnica e menos interessado nas letras, na filosofia ou na poesia, como no caso presente. Agora, o balanço de poemas separados por mais de 45 anos revela um forte e sentido lado íntimo. Na sua maturidade e independência estilística, os textos de *amor de mar* abrem caminhos, sugerem alternativas e mostram a vida como deve ser.

Professor Doutor Rogério Santos
(Universidade Católica, Lisboa)

meu pai

estás aqui,
na vida, na minha vida.

por isso digo: bom dia.
porque sabes: a melodia não morre, e por cada semente,
as papoilas da certeza,
espremem o vermelho,
das rosas.

sabes,
vivo contigo nas pedras da vida,
e leio o vento da liberdade,
e de cabelos soltos,
da nudez do corpo,
eu te sinto,
na canção dos trigais.

tu estás aqui, nos moinhos de vento, na maresia do pôr do
sol,
e nas manhãs da primavera ou do outono,
do verão ou do
inverno,
nesta dor, transformada alegria,
das palavras das fontes,
onde se brinca, nas águas das ruas,
e o fogo,
esse aparece, como tufão,
da farinha que leveda,
e das uvas colhidas, aos sons,
de obrigado pai, pela tua vida.

este é o primeiro poema dirigido à flor sem nome

poderá ser que as flores
ainda murchas
deem pétalas no meu colo
tempestade aproxima-se
do fim

e rebenta
um raio
sob pétalas no meu colo

março 1971

a força da minha raiva,
das pedras,
mergulhadas no inconstante da minha esperança.

os homens
e as mulheres, a única certeza.
como o aço sai e entra
ouvindo a música das papoilas
nós,
amassemos as mãos até
rebentar as paredes deste casulo
cercado,

nós,
que não somos relógios
nem sequer parafusos
haveremos de amar
as flores
para que a fábrica se torne florida.

SEPSA, 1983

o poema já não canta,
 finou-se a sua voz,

estará perto do fim,
 o teu caminho ó liberdade.

o poema já não canta,
 as espigas, não moem moinhos,
 as flores apagaram-se, dos teus seios.

nesta terça-feira, onde a espera é dor,
 a esperança de ser livre,
 pouca.

por isso o poema já não canta,
 ó névoa, que povoas as costas,
 ó vento, que não sopras,
 ó esperança perdida.

a luta está a terminar,
 os guerreiros, dão-se por vencidos,
 e vencedores.

o poema já não canta.